

# HISTÓRIA DA PSICANÁLISE NO BRASIL: ENLACES ENTRE O DISCURSO FREUDIANO E O PROJETO NACIONAL<sup>1</sup>

Doutoranda Luciana Cavalcante Torquato  
[lucianatorquato@yahoo.com.br](mailto:lucianatorquato@yahoo.com.br)  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

## Resumo

Este trabalho apresenta o momento histórico da entrada da teoria freudiana no Brasil como um processo profundamente marcado pelas demandas da *intelligentsia* nacional em seu esforço de construção do projeto de nação que ecoava no país desde o final do século XIX. Identificamos a medicina higienista como uma das vias discursivas de apropriação da psicanálise no Brasil. Pretendemos, a partir de então, indicar os traços que esse ponto de ancoragem deixou no processo histórico de construção do movimento psicanalítico no Brasil.

**Palavras-chave:** Brasil, Freud, Higienismo, História, Psicanálise.

## Abstract

This paper presents the historical period of Freudian theory's introduction in Brazil as a process that was deeply related to national intelligentsia's interests and their efforts to enhance a large cultural project that was already being conceived since the late nineteenth century. We identify the medicine hygienist as a way of appropriation of psychoanalysis in Brazil. We intend, in this article, indicate the impact and the consequences of this movement on the beginning of psychoanalytical movement in Brazil.

**Keywords:** Brazil, Freud, Hygienist, History, Psychoanalysis.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido: 30.12.2014. Artigo aprovado: 15.06.2015.

## Introdução

A historiografia oficial da psicanálise nos aponta ter sido a disciplina fundada pelo médico austríaco Sigmund Freud nos últimos anos do século XIX. O “tratamento pelo fala”, novidade no campo da psicologia e da psiquiatria, contemplava um método particular de terapia, pautado na investigação do inconsciente do “analisando”, através da “associação livre”, pelo psicanalista.

Além de se apresentar como tratamento, método terapêutico, técnica e clínica psicológica, pautados na exploração do inconsciente, a psicanálise estendeu-se para além do campo clínico, tornando-se uma escola de pensamento, o movimento psicanalítico, englobando várias correntes do freudismo.

Com o notório intuito de legitimar a nova disciplina e delimitar seu campo, diferenciando-a das teorias propostas pelos médicos Adolf Adler e Carl Gustav Jung, Freud cuidou de escrever, ele mesmo, alguns excertos sobre a história do movimento psicanalítico. Fazendo uso, por vezes, de um tom notadamente beligerante ao reivindicar para si a autoria e a interpretação legítima da disciplina, Freud traçou o desenvolvimento da mesma desde os primórdios do que poderíamos chamar de uma pré-psicanálise.

Podemos distinguir vários momentos ao longo da obra freudiana em que o psicanalista reafirmou e renovou suas teses, resgatando a construção do movimento psicanalítico com o ensejo de situar o mesmo no debate intelectual corrente<sup>2</sup>. Não sem o esforço de seu “criador”, a psicanálise se consolidou como um empreendimento fundamental no plano do debate sobre o homem. Podemos afirmar que a empresa psicanalítica influenciou todo um campo de saber acerca do funcionamento da personalidade, ampliando a aplicação de uma teoria sobre o psiquismo a vários ramos de conhecimento e a uma técnica psicoterápica específica.

Debruçando-se sobre a física, a química, a neurofisiologia e a biologia para esclarecer seu aparelho psíquico, Freud situou a psicanálise no rol das ciências. O uso recorrente de analogias energéticas, hidráulicas, químicas, pareciam insinuar, num

---

<sup>2</sup> Podemos conferir as considerações freudianas a propósito da ampliação do movimento psicanalítico, bem como das resistências geradas por ele, nos textos *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (2012 [1914]), *Caminhos da terapia psicanalítica* (2010 [1919]) e *As resistências à psicanálise* (2011 [1925]).

primeiro momento, uma redução do aparelho psíquico e, conseqüentemente do humano ao biológico naturalizado. A partir dessa leitura, justificaram-se as inúmeras resistências sofridas pela psicanálise em sua expansão. As mais imediatas foram refletidas por Freud: tanto o campo da medicina quanto o da filosofia desconfiavam das ideias freudianas, uma vez que a primeira questionava sua cientificidade e a segunda desacreditava o seu positivismo injustificado.

...a psicanálise tira apenas desvantagens de sua posição intermediária entre medicina e filosofia. Os médicos a veem como um sistema especulativo, não querem acreditar que, como qualquer outra ciência natural, ela se baseia na paciente e trabalhosa elaboração de fatos do mundo das percepções; os filósofos, que a medem pelo padrão de seus próprios sistemas artificialmente edificadas, acham que ela parte de premissas impossíveis e lhe reprovam o fato de seus conceitos principais – que se acham em desenvolvimento – carecerem de precisão e clareza (FREUD, 2011[1925]:258).

No entanto, a construção do campo psicanalítico não se restringiu às respostas freudianas às críticas e resistências encontradas. De certo modo, as diferentes sociedades ao redor do velho e novo mundo se apropriaram criticamente - e acriticamente! – do discurso psicanalítico na medida em que este se difundia internacionalmente.

Em 1909, Sigmund Freud desembarca na América do Norte na companhia de seus colegas médicos Sándor Ferenczi, Jung, Abraham Brill e Ernest Jones. Convidado por Stuart Hall, então reitor da Clark University (Worcester), Freud se dirige aos EUA para proferir palestras introdutórias sobre a psicanálise naquela universidade. Tal viagem acentuou a expansão da teoria freudiana no novo mundo, estendendo seus domínios para além do continente europeu. Tratava-se, dessa forma, de um deslocamento traçado com o intuito de atender à aspiração freudiana de garantir a ampliação de sua disciplina, fugindo da censura, das críticas e, por vezes, da indiferença dos países europeus, do antissemitismo e da germanofobia presentes em alguns desses espaços.

A viagem rendeu resultados interessantes: as lições proferidas na universidade americana resultaram nas *Cinco lições de psicanálise* (Freud, 2006 [1910]-a), publicadas em vários outros idiomas além do alemão e do inglês: russo (1911), polonês (1911), húngaro (1912), italiano (1915), dinamarquês (1920), francês (1921), espanhol (1923), português (1931) e japonês (1933).

Conta-nos a historiadora e psicanalista Elizabeth Roudinesco que em 1955, durante uma conferência proferida em Viena, o psicanalista francês Jacques Lacan confessou ter escutado de Jung o relato de que na ocasião da viagem do grupo de psicanalistas à América do Norte, Freud teria segredado no ouvido de seu discípulo, ao avistar a Estátua da Liberdade no porto novaiorquino, a seguinte sentença: “*Eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste*” (Roudinesco & Plon, 1997). A suposta declaração atribuída por Jung a Freud repercute até os dias atuais: não sabemos ao certo se o psicanalista vienense teria proferido essas palavras. Freud, de fato, não faz uso do termo “peste” em sua obra. Os grandes historiadores do freudismo também não precisam a sentença de Freud ao chegar à América com o peso desse termo. No entanto, o que sabemos é que a *peste* freudiana contaminou o novo mundo, ultrapassou barreiras geográficas, logo se disseminando pela terra *brasilis*.

A partir das décadas iniciais do século XX, a ideias freudianas vão invadindo concomitantemente o saber médico no Brasil e o conjunto da nossa cultura literária e artística, suscitando representações diversas acerca das descobertas freudianas.

A especificidade do contexto brasileiro marcará a particularidade da incorporação das ideias freudianas no país. De modo diferente do que teria se dado na França (Roudinesco, 1994), por exemplo, em que a psicanálise foi sendo tomada de modo contraditório pelas classes médicas e literário-filosóficas, veremos que no Brasil, o discurso psicanalítico foi incorporado por diferentes grupos, mas em um solo comum de estabelecimento de projetos de nação e nacionalidade, ainda que tais projetos fossem diferentes entre si.

### **O corpo que alojou a peste: contexto nacional e entrada do discurso freudiano**

A virada do século XIX para o século XX marcou as duas grandes transformações da sociedade brasileira: a abolição da escravidão e a implantação da República implicaram o país e sua inteligência num movimento de reformulação das ideias e concepções a respeito do Brasil e de seu povo.

No entanto, se a inscrição formal na ordem republicana não foi capaz de alterar radicalmente o estado geral da nação (Patto, 1999), a abolição da escravatura representava uma questão mais aguda e preocupante, uma vez que escancarava a

dificuldade de integrar no país um *excesso* populacional que representava um empecilho concreto para o seu desenvolvimento e elevação à categoria de nação moderna e desenvolvida.

Neste contexto, a questão do aprimoramento racial surge como solução que se fazia urgente perante um diagnóstico que atribuía à raça a existência das mazelas que afligiam esta população desamparada. Contudo, a inteligência nacional não era uníssona ao tratar dessa questão, assumindo desde posições profundamente autoritárias – que apontavam, por exemplo, para a necessidade de constituição de uma nova raça através da crescente incorporação de contingentes brancos - até aquelas que propunham maior intervenção estatal para fornecer à população padrões mais adequados e satisfatórios de saneamento e educação (Ponte, 1999).

O Brasil de então enfrentava uma série de embaraços advindos no bojo do processo de modernização: o desenvolvimento desordenado das cidades, o crescimento populacional e a ausência de infraestrutura primária agravaram significativamente as condições sanitárias observadas nos centros urbanos do país (Sevcenko, 1992). A imigração europeia, a migração dos camponeses e antigos escravos para os centros urbanos, os efeitos da industrialização que nascia agravavam o quadro de tensões sociais, colocando o próprio regime em xeque, ainda que a classe elitista dirigente procurasse justificar sua legitimidade de todas as formas. No cenário internacional, exibia-se a imagem de país insalubre, com decadente condição sanitária, assolado por enfermidades como a varíola, febre amarela, peste bubônica<sup>3</sup>. A demanda pela organização do processo de urbanização das cidades, pela promoção da saúde da população, ou seja, pela formulação de soluções para esses problemas advindos com a urbanização e crescimento, se fazia cada vez mais urgente.

Darcy Ribeiro (1972) nos lembra que a intelectualidade nacional entrevia nas condições naturais do país as causas da crise do regime republicano. Assim, as tensões

---

<sup>3</sup> Em 1902, o então presidente Rodrigues Alves lança uma série de estratégias para sanar essa questão. Suas metas eram de melhoria do porto, reforma e embelezamento da cidade e o combate às epidemias. É nesse momento que surge a figura do sanitarista Oswaldo Cruz, conhecido por coordenar as campanhas de erradicação da febre amarela e varíola no Rio de Janeiro, culminando, em 1904, no episódio da Revolta da Vacina, rebelião da população – apoiada pelos cadetes da Escola Militar- contra a vacinação forçada e invasão de seus espaços privados (Porto, 2003). Essas ideias higienistas de orientação profilática irão embasar, alguns anos mais tarde, a criação de órgãos como a Liga Brasileira de Higiene Mental.

sociais e reveses econômicos não se davam por questões históricas ou políticas, mas se fundamentavam na formação étnica da população e no clima tropical: se nada poderia ser feito com relação ao clima, quanto ao problema racial poderia ser pensada uma solução.

Nesse contexto, a ciência médica no país se lança na tentativa de regulação e organização do funcionamento social na perspectiva sanitária. Passa a tratar não só do corpo doente do sujeito, mas do corpo social, supervisionando a saúde da população com o intuito primordial de garantir a segurança e prosperidade da nação. Nesse sentido, a comunidade médica e científica empenhava-se na construção de um projeto civilizatório-educativo na primeira república. Tratava-se de educar a população a partir de uma concepção mais ampla de pedagogia moral e cívica: educar o povo indisciplinado, inculto, de maus hábitos. Para a medicina higienista de então, fortemente influenciada pela teoria da degenerescência<sup>4</sup>, a miscigenação do povo era tomada como um entrave crucial para a realização do projeto de civilização da nação (Rocha, 1983). Nosso primitivismo, marcado pela herança afro e indígena, era tomado como o excesso de paixões, instintivo, contrário ao controle esperado para a afirmação de um estado nacional moderno e civilizado. Nesse momento, a psiquiatria apresenta-se como um saber que poderia auxiliar sobremaneira esse projeto educativo e civilizatório do povo brasileiro.

O discurso psicanalítico ia gradativamente se inscrevendo nesse movimento eugênico que se alastrou pelo país. As ideias freudianas passam a servir como possibilidade de tratamento para a classe débil e impotente do povo brasileiro, fruto de sua miscigenação, povo esse marcado por sua fraqueza e heterogeneidade, que precisaria ser “reformado” para se modernizar e evoluir (Porto-Carrero, 1933a).

Primeiro país latino-americano a implantar o freudismo, o Brasil recebeu a psicanálise progressivamente desde o início do século XX. O nascimento oficial da

---

<sup>4</sup> A teoria da degenerescência, sistematizada por Morel (1809-1873) em seu *Tratado das Degenerescências*, de 1857, baseia-se no pressuposto de que haveria progressiva degeneração mental conforme se sucedessem as gerações. Fortemente influenciada pela perspectiva católica, tal teoria pensava a degeneração como algo passível de ser transmitido: as taras, vícios, traços de caráter adquiridos pelos antecessores seriam passíveis de transmissão. Muitos projetos de intervenção social, a exemplo das ações higienistas ocorridas no país no início do século XX, foram desenvolvidos com o intuito de impedir a propagação de morbididades e degeneração da raça (Pereira, 2008).

psicanálise brasileira é definido a partir da chegada dos psicanalistas reconhecidos pela *International Psychoanalytical Association* (IPA)<sup>5</sup>, encarregados da transmissão das ideias freudianas aos candidatos brasileiros que concorriam ao título de psicanalista, fundando as primeiras sociedades ditas oficiais de psicanálise no Brasil.

As ideias de Freud chegam ao meio médico nacional essencialmente a partir dos textos de intelectuais e médicos franceses. Franco da Rocha chega a comentar no prefácio da sua tese que um dos seus objetivos com tal estudo seria a transmissão da doutrina freudiana, “tão divulgada, mas pouco conhecida no país”. Uma das explicações dadas por ele refere-se à ínfima difusão da língua germânica no Brasil, o que acabava privilegiando a leitura dos autores franceses (Rocha, 1920).

Jane Russo (1998) nos lembra que o vínculo de grande parte dos médicos com a teoria freudiana se dava somente por sua divulgação em seus escritos teóricos, uma vez que os mesmos não adotavam a psicanálise em sua clínica.

A socióloga e estudiosa da disseminação da psicanálise no Brasil, Carmem Lúcia Oliveira, pontua que, nesse período, as reflexões sobre a psicanálise no país tomam como referência os trabalhos de Régis e Hesnard, responsáveis pela autoria do primeiro livro sobre a psicanálise na França, *La psychoanalyse des nevroses et des psychoses*, “cujo essencial consiste justamente em rejeitar a doutrina germânica em favor de uma latinização da psicanálise” (OLIVEIRA, 2002:137-138). Tal livro foi traduzido e publicado no Brasil em 1923, antecedendo a tradução oficial de um texto freudiano, que teria se dado em 1931, relativa ao texto *Cinco lições de psicanálise*, feita por Durval Marcondes e José Barbosa Corrêa, publicado pela Companhia Editora Nacional, e editado pela Editora Guanabara (Waissman & Koogan). No bojo desse projeto de tradução que se dava a partir das obras freudianas em espanhol e francês, localizamos ainda os seguintes títulos: *Psychopathologia da vida quotidiana*, tradução de Elias Davidovitch em 1933; *Introdução à psicanálise*, traduzido pelo mesmo autor, publicado em 1934; *Totem e tabu e o Futuro de uma ilusão*, traduzidos por Julio Pires Porto-Carrero em 1934; *Psicanálise e*

---

<sup>5</sup> A IPA foi criada por iniciativa do próprio Freud e de seus colaboradores durante o segundo Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Nuremberg, na Alemanha, em março de 1910. A proposta de fundar a IPA surgiu dois anos antes, durante uma reunião realizada em Salzburgo, na Áustria, em 27 de abril de 1908 (Roudinesco & Plon, 1997).

*psiconeuroses (1934) e Técnica psicanalítica e psicologia da angústia (1934) e Interpretação dos sonhos e outros ensaios (1935)* traduzidos por Odilon Gallotti e, por fim, *Psicologia da vida erótica*, traduzido por Moysés Gikovate em 1934.

Particularmente, nesta pesquisa, restringimos a investigação acerca das vicissitudes da entrada psicanálise à capital paulista e capital fluminense. Com exceção de algumas manifestações isoladas - que mais se assemelham a um interesse próprio de alguns nomes eminentes da psiquiatria brasileira do século XX do que um movimento de incorporação de ideias, a psicanálise de fato teria ficado limitada a esses dois centros urbanos. Temos conhecimento, todavia, das iniciativas dos psiquiatras gaúchos Dyonélio Machado e Martim Gomes, dos escritos proíficos de Arthur Ramos na Bahia, de Ulisses Pernambucano no Recife, além da empatia que a via literária emprestou à psicanálise nas Minas Gerais, onde foi publicada a primeira tradução “não oficial” de um excerto de um texto freudiano para o português. O médico mineiro Iago Pimentel iniciou a tradução das *Cinco lições sobre psicanálise* e a publicou na revista modernista *A Revista*, em 1926<sup>6</sup>.

No entanto, a doutrina freudiana já havia adentrado o país algumas décadas antes: a intelectualidade nacional já se aproximava das ideias freudianas desde as primeiras décadas do século XX. A familiaridade entre os médicos brasileiros e a psicanálise também antecede a divulgação do reconhecimento oficial da disciplina no Brasil. Renomados psiquiatras precocemente já se interessavam pela obra freudiana. A “pré-história” da psicanálise brasileira refere-se a esse período de circulação da disciplina freudiana pelo país através dos proeminentes nomes da psiquiatria e, como veremos adiante, também no interior dos círculos artísticos e literários da nossa classe intelectual.

A partir da leitura dos textos pioneiros que refletem a influência da psicanálise no meio médico nas décadas iniciais do século XX, percebemos que o que confere uma coloração local ao debate acerca da psicanálise no Brasil, diferenciando da sua expansão pelo cenário europeu, passa pela assimilação da psicanálise a um projeto mais extenso de construção da nação brasileira. É evidente, ainda, que a problemática sexual convoca

---

<sup>6</sup> O médico mineiro Iago Pimentel empreendeu uma tentativa de tradução do texto freudiano diretamente do alemão. Ele publicou algumas páginas no terceiro número de *A Revista*, publicação literária organizada por Carlos Drummond de Andrade. Nesse volume, último do periódico belorizontino, encontram-se ainda textos de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Pedro Nava, dentre outros (Pimentel, 1926).

e estimula a atenção daqueles médicos, principalmente daqueles para quem a hereditariedade não dava conta de abranger a etiologia das psiconeuroses. Desse modo, a psicanálise passava a se figurar como mais uma possibilidade de tamponar as deficiências teóricas da psiquiatria, apesar, no entanto, de não se servir como alternativa à psiquiatria organicista e classificatória. Nesse sentido, no empreendimento de se buscar a identidade nacional, a psiquiatria local passa a entender que aqueles distúrbios de personalidade do homem brasileiro que não poderiam ser suprimidos pelos recursos disponíveis pela medicina psiquiátrica, a partir da psicanálise poderiam, ao menos, serem educados, civilizados e guiados na direção de metas mais condizentes com o ideário moderno almejado. Um “ego civilizado” aparecia como possibilidade de domesticação de um “id primitivo”:

Segundo a hipótese de Freud, é o Id o campo onde se passa a mais importante porção dos fenômenos psíquicos, o que vale dizer que são Inconscientes estes, na sua maior parte, é do Id que partem os impulsos mais numerosos e mais intensos. O Ego, a personalidade consciente na sua maior parte, nada mais é do que um aparelho de adaptação ao ambiente, um órgão de percepção, um campo de elaboração dos impulsos do Id e um depósito provisório de recordações ainda não incorporadas à instância profunda, primitiva (PORTO-CARRERO, 1933b:11).

O que aconteceu, de fato, foi a “absorção” da psicanálise pela medicina higienista. A psicanálise não é de fato praticada sistematicamente pelos médicos nesse período, servindo-se antes como um método complementar às técnicas de cura e tratamento em voga.

A questão do pansexualismo, por exemplo, é essencial para entendermos essa incorporação das teses freudianas. Este termo, como nos conta Roudinesco & Plon, teria sido forjado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler com o intuito de depreciar a doutrina psicanalítica. Na medida em que a psicanálise vai se expandindo e sendo internacionalmente reconhecida, as teses freudianas passam a ser também admitidas como “obscenidades”, uma ciência pornográfica, por assim dizer. Essas acusações se iniciam após a publicação dos “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 2006 [1905] ), mas ganham força entre 1910 e 1913, período relativo à circulação internacional das ideias freudianas (Roudinesco & Plon, 1997).

A chegada da psicanálise no Brasil ressoa no pensamento da intelectualidade da época, no seu ensejo de contribuir para o debate das questões em torno da construção do Estado nacional. A problemática sexual, o pansexualismo, como aparecia na época, interessam particularmente às campanhas higienistas características do período, que sugeriam modelos de disciplinarização e controle das normas e práticas sociais. É a partir desse movimento que a psicanálise irá emergir na medicina psiquiátrica brasileira, ou seja, a partir de um esforço civilizador e educativo.

As primeiras referências diretas a Freud foram realizadas no meio psiquiátrico. Julio Pires Porto-Carrero, primeiro historiador da psicanálise no país, comenta ter sido Juliano Moreira o fundador da nossa psiquiatria moderna e pioneiro na difusão das teses freudianas. Em 1914, Moreira teria apresentado um trabalho sobre o tema na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. Porto-Carrero, todavia, nos revela que os registros mais remotos sobre a difusão da psicanálise por aqui apontam para os comentários do próprio Juliano Moreira realizados durante seu período de aula na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1899, já tendo completado sua formação com Kraepelin, na Alemanha (Porto-Carrero, 1928/1929). Juliano Moreira teria sido um dos únicos profissionais que, nesse momento, teria aplicado a psicanálise em sua clínica, além de ter estimulado vários de seus discípulos ao estudo da nova disciplina.

A publicação da tese de medicina do cearense Genserico Aragão de Souza Pinto, *Da Psychanalyse: a sexualidade das neuroses*, na cidade do Rio de Janeiro, em 1914, bem como os incentivos dados por Juliano Moreira e por outros pioneiros entusiastas da disciplina freudiana, indicam uma abertura de espaço no país para a recepção da psicanálise, fato que teria se dado ao longo de todo o século vinte. Outro marco da ampliação do campo psicanalítico no país foi a publicação, em 1920, do livro *A Doutrina Pansexualista de Freud*, em São Paulo, pelo médico Franco da Rocha (Rocha, 1920).

A tradição da leitura de trabalhos psicanalíticos no meio médico brasileiro passava, naquele período, por autores como Janet, Babinski, Charcot, Bernheim, Déjerine e, evidentemente, Freud. É interessante a forma como esses médicos absorviam todas essas teorias, por vezes antagônicas, para, a partir de então, formularem suas reflexões.

Desde as décadas iniciais do século XX, as ideias freudianas foram recebidas por um grupo de médicos brasileiros como uma novidade científica, rapidamente sendo

transformadas em teorias de interesse acadêmico, tornando-se objetos de teses e discussões nas faculdades de medicina<sup>7</sup>. A psicanálise começa a ser referenciada em varias conferências nas sociedades de medicina e educação nesse período: seu potencial nas áreas do direito, pedagogia, psiquiatria e até mesmo nas artes passa a ser valorizado. A disciplina freudiana vai se configurando como uma panaceia, uma teoria capaz de abarcar todos os problemas decorrentes do advento da modernidade, “constituindo-se em um poderoso instrumento de investigação e explicação do homem e de suas relações em sociedade” (PONTE, 1999:27).

Em 1922 é fundada, no Rio de Janeiro, a Liga Brasileira de Higiene Mental, com objetivo de concretizar um programa de higiene mental de modo a melhorar o nível de saúde mental de forma coletiva, além de aprimorar a assistência aos doentes mentais através da renovação das instituições psiquiátricas. A partir de 1926, observa-se uma ampliação dos projetos da Liga, ultrapassando os objetivos iniciais. As aspirações eugênicas e de educação dos indivíduos começa a circular nos meios escolar, profissional e social. Juliano Moreira se destacou na difusão dessas ideias, preconizando várias medidas a serem tomadas pelos dirigentes brasileiros no sentido de contemplar uma profilaxia das doenças mentais. Elisabete Mokrejs descreve a postura do psiquiatra, lembrando que o mesmo chegou a divulgar a ideia de que a imigração seria o fator fundamental para a elevação do quadro de “delinquentes e alienados” no país, fator que seria crucial para o aparecimento de vícios e desordens psíquicas percebidos no povo (Mokrejs, 1989).

A psiquiatria no Brasil assume o status de uma disciplina de controle social desde a segunda metade do século XIX, com o objetivo de enclausurar e corrigir a loucura. Nesse contexto histórico, a divulgação das teses freudianas acabava se limitando a interpretações que a destinavam a uma posição de instrumento diagnóstico, terapêutico e moral, fato que pode ser comprovado a partir das disciplinas dos cursos de medicina

---

<sup>7</sup> Apesar da aceitação das ideias freudianas por parte do seletos grupo de psiquiatras cotejados neste trabalho, verificamos que houve forte resistência à psicanálise no Brasil, assim como em vários outros países. Dentre outras acusações, as teorias freudianas eram apontadas como *pansexualistas*, conforme mencionado no capítulo anterior. Este termo, utilizado pejorativamente por Bleuler ao se referir à psicanálise, fortalece a rejeição da disciplina quando de sua difusão pelo mundo, colocando-a como uma obscenidade, pornografia, “ciência boche” (Roudinesco & Plon, 1997).

do período, além daqueles textos que eram dedicados ao público leigo<sup>8</sup>. Cristiana Facchinetti comenta que, naquele momento, qualquer médico ou psiquiatra que esboçasse interesse pela temática da sexualidade já era reconhecido por seus pares como psicanalista, e ressalta:

(...) a psicanálise era apenas um dos elementos considerados como fundamentais para o diagnóstico, passando a encaixar-se no trinômio do orgânico, da moral e da vida moderna. Na prática, as explicações tinham, quase sem exceção, um fundo organicista, independente da roupagem que vestiam (FACCHINETTI, 2001:88).

A trajetória do psiquiatra Julio Pires Porto-Carrero nos serve como excelente ilustração para compreendermos a apropriação higienista que foi feita do discurso psicanalítico no período em questão. “Fanático da psicanálise”, Porto-Carrero foi um psiquiatra e psicanalista pernambucano, um dos primeiros médicos a exercer a disciplina freudiana no Brasil, ainda no início da década de 1920, construindo sua carreira no Rio de Janeiro<sup>9</sup>. Iniciou seus estudos de medicina na Bahia e tornou-se, em 1929, catedrático de Medicina Legal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Fundou e dirigiu a Clínica Neuropsiquiátrica do Hospital da Marinha na capital fluminense, estando, desde então, familiarizado com as novidades lançadas pela psicanálise. Estudioso da língua alemã, Porto-Carrero conhecia e divulgava as ideias freudianas. Julio Pires Porto-Carrero dedicou-se vigorosamente ao estudo de Freud, criando, em 1926, no Rio de Janeiro, a Clínica de Psicanálise da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Ao mesmo tempo em que prescrevia a aplicação da teoria freudiana aos mais variados espectros da vida cotidiana - “na vida diária, pedagogia, até mesmo comércio, (...) inquéritos judiciais, sistemas penitenciários” (PORTO-CARRERO, 1929a:159), Porto-Carrero defendia vigorosamente a eugenia<sup>10</sup> e higiene mental como bandeiras a serem travadas em prol de uma regeneração da raça e do povo brasileiro. De tal forma, o

---

<sup>8</sup> Um bom exemplo desse tipo de publicação é o texto de Porto-Carrero, *O caráter do Escolar segundo a psicanálise* (Porto-Carrero, 1927b).

<sup>9</sup> Em 1925, durante uma comunicação à Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, Porto-Carrero afirmou ser um “convicto” da ciência de Freud. Anos depois, em 1928, durante apresentação oral em sala de aula, definiu-se como “um fanático da psicanálise” (Sagawa, 2004).

<sup>10</sup> O termo eugenia, criado pelo fisiologista inglês Galton, refere-se ao “estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física quanto mentalmente” (PEQUIGNOT apud COSTA, 1989:81)

psiquiatra empenha um movimento de conferir à psicanálise um valor enquanto método de investigação, instrumento nosográfico que poderia auxiliar na restauração, estabelecimento e manutenção da ordem moral e social.

Os seus textos que tratam da psicanálise estão reunidos em cinco volumes e contemplam várias de suas conferências e alguns excertos de suas aulas (Mokrejs, 1989). Podemos observar nos textos de Porto-Carrero uma atenção aos conceitos básicos da teoria freudiana, além da preocupação em relacionar esses conceitos aos mais diversos temas e campos do conhecimento. Elizabete Mokrejs observa em Porto-Carrero um difuso pensamento cientista: “Ao mesmo tempo que assinala a importância dos fatores psíquicos na teoria de Freud, é capaz de sugerir que a felicidade do homem está adstrita às leis do mecanismo do relacionamento heterossexual” (MOKREJS, 1989:6).

Em 1927, Durval Marcondes, discípulo de Franco da Rocha, um dos mais importantes psiquiatras da época, funda a Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP) em São Paulo. A SBP nasce a partir do esforço da elite intelectual paulista - médicos, escritores e membros do movimento pedagógico local. Todavia, essa primeira sociedade não se organizava propriamente em torno da formação dos analistas, nem exercia o controle ou monopólio, por assim dizer, da transmissão da disciplina, bem como não se preocupava em outorgar o título de analista para o corpo profissional que ali se especializava. Nesse momento, interessava mais ao jovem Marcondes e ao seu mestre Franco da Rocha “fazer uma mais intensa propaganda dos princípios psycho-analyticos nas suas múltiplas aplicações, devendo-se procurar interessar sobretudo a classe dos professores”(ROCHA apud OLIVEIRA, 2002:142), indicando-nos já aqui a preocupação desses médicos pioneiros em relacionar a psicanálise às mais variadas disciplinas. O que sabemos é que nesse início não havia ainda uma preocupação formal em protocolar a psicanálise, mas um intenso entrecruzamento das ideias freudianas com as mais variadas disciplinas e campos de saber, como a medicina-legal, a psiquiatria, a pedagogia, o higienismo, a antropologia, e as artes em geral.

No entanto, a instituição não vigora por muito tempo: Durval Marcondes não dispõe de boa entrada no universo acadêmico e psiquiatra paulista, ficando seu campo de atuação restrito ao Serviço de Higiene e Educação Sanitária e à Liga Paulista de Higiene Mental (LPHM). Franco da Rocha, presidente da sociedade, encontra-se

aposentando, vivendo no litoral. O objetivo dessa primeira sociedade era o de promover reuniões científicas, congregar interessados na psicanálise, oferecer cursos, palestras e divulgar a teoria. Formada, inicialmente, por vinte e quatro membros, dentre os quais destacamos personalidades das letras como os modernistas Menotti Del Picchia e Cândido Mota Filho. A primeira edição da *Revista Brasileira de Psicanálise* publicada pela SBP teve um exemplar enviado a Freud, que relatou sobre o interesse em estudar a língua portuguesa após o contato com o periódico (Lobo, 1994).

Em 1929, apesar de ter sido reconhecida pela *International Psychoanalytic Association* (IPA), como “Study Group”, etapa imprescindível para o processo de reconhecimento das sociedades de psicanálise por essa Associação, os membros brasileiros não se interessaram pela adequação ao *standard* psicanalítico. O grupo foi fechado por Durval Marcondes em 1930. Apesar dos seus esforços do dedicado médico em inserir a psicanálise na Faculdade de Medicina, sua derrota definitiva consolidou-se em 1936, quando o médico Antônio Carlos Pacheco e Silva substituiu interinamente o professor Franco da Rocha. A posição do novo professor era radicalmente contrária à psicanálise. O sonho de montar um Instituto de Psicanálise na Faculdade de Medicina foi frustrado (Marcondes, 1936). Ademais, o engajamento formal das personalidades que se filiaram à SBP não conferiu à mesma nenhuma vantagem, uma vez que foram continuamente retirando seu apoio e abandonando a sociedade. Entretanto, apesar do período curto de existência, a SBP registrou um saldo considerável: aproximou o debate sobre a psicanálise com o grupo carioca, publicou o número isolado da *Revista Brasileira de Psicanálise* em 1928 e realizou algumas atividades com o apoio da Associação Brasileira de Educação (ABE) <sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Jane Russo (2002) aborda a íntima relação entre a ABE e a psicanálise nas décadas de vinte e trinta. Em 1928, foi ofertado o Curso de Psicanálise Aplicada à Educação, ministrado pelo Prof. Deodato de Moraes, professor de Pedagogia e Psicologia Experimental da Escola Normal de São Paulo, inspetor escolar do Distrito Federal e membro do conselho diretor da Associação Brasileira de Educação, e por Porto-Carrero. O programa do referido curso consistia em uma ampla exposição da teoria freudiana, não se dedicando a uma aplicação sistemática das ideias freudianas à educação da criança, sinalizando que o objetivo do empreendimento referia-se à divulgação dos conhecimentos produzidos por Freud, ainda que não esclarecesse como tais ensinamentos poderiam servir a uma prática educacional efetiva.

Em 1932, a Revolução Constitucionalista de São Paulo<sup>12</sup> impediu a chegada daquele que seria o primeiro psicanalista didata a ser “importado” pelo país. René Spitz ficou aguardando a resposta dos médicos paulistas, dentre eles, Marcondes, com a aprovação de sua vinda. No entanto, no período da Revolução, estava terminantemente proibida a circulação de toda e qualquer correspondência em São Paulo. Tomando a inexistência da resposta como falta de interesse, Spitz imigrou para os Estados Unidos. Dois anos mais tarde, Abraham Brill, então presidente da IPA, auxiliou a circulação de psicanalistas judeus, que estavam sendo perseguidos na Alemanha nazista, para países latino-americanos interessados em receber esses profissionais. Durval Marcondes endereçou a vários figurões do poder político da época pedidos de intervenção nesse sentido<sup>13</sup>. No entanto, a decisão ficou a cargo do médico Antonio Carlos Pacheco e Silva, aquele substituto de Franco da Rocha na cadeira da Faculdade de Medicina. Publicamente contrário à psicanálise, o médico não levou a questão adiante.

Ernest Jones, que ocupava a presidência da IPA no ano de 1936, tomou conhecimento da situação da Dra. Adelheid Koch, psicanalista judia que precisava emigrar da Europa. Atento aos pedidos de Durval Marcondes, mediu a vinda da psicanalista alemã para o Brasil, que se tornou a responsável pela instalação do primeiro consultório particular de psicanálise na América Latina. Alguns anos depois, o próprio Durval Marcondes tornou-se analisando da Dra. Koch.

A psicanalista didata empenhou-se na institucionalização da psicanálise no país. A partir de seus esforços, em 1950 foram contratados dois psicanalistas europeus: um deles tendo permanecido em São Paulo por alguns meses, mas retornado ao seu país logo depois; e o outro, que teria se formado na Sociedade de Psicanálise de Viena, e se adaptado aos trópicos, tornando-se o segundo analista didata em São Paulo.

---

<sup>12</sup> Marco da história republicana brasileira, a Revolução Constitucionalista de 1932 resultou da expressão da insatisfação dos paulistas com a Revolução de 1930, sendo um movimento armado com objetivo de persuadir o Governo Provisório de Getúlio Vargas a acabar com o caráter discricionário do regime que comandava o país, através ainda da promulgação de uma nova Constituição Federal (Moreira, , s/ data).

<sup>13</sup> Referimo-nos aos nomes de Júlio de Mesquita Filho, então proprietário do jornal *O Estado de São Paulo* e Armando de Salles Oliveira, interventor e governador do estado de São Paulo (Salim, 2010).

O reconhecimento definitivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo como primeira filial da IPA no Brasil veio em 1951 durante o Congresso Internacional da Associação, realizado em Amsterdam, Holanda.

### **A moral sexual civilizada: educação, moralidade e sexualidade nos trópicos**

Em 1908, Jung organizou o I Congresso de Psicanálise, contando com apenas 44 participantes, mas que Ernst Jones (1979) adjetivou como um “acontecimento histórico”, apontando para uma ampliação da psicanálise pelo mundo e para sua abertura aos interlocutores internacionais para além do restrito grupo das quartas-feiras<sup>14</sup>.

No mesmo ano, Freud (2006 [1908]) publica seu artigo *Moral sexual civilizada* na revista *Sexual-Probleme*, em que discorre sobre os textos de alguns autores que sustentam a tese da estreita relação entre a vida civilizada moderna e a alta incidência das doenças ditas nervosas. Freud tece sua crítica a respeito, afirmando que essas análises desconsiderariam o fator etiológico primordial: a repressão maléfica exercida pela moral sexual civilizada moderna sobre a vida sexual dos sujeitos. Desse modo, principalmente tratando-se das psiconeuroses, nos diz Freud, o fator sexual seria o fundamental de causação das neuroses propriamente ditas.

É importante destacar neste ponto que a questão da sexualidade, principalmente no ponto em que ela se relaciona com os aspectos da modernidade, ressoa fortemente nos trabalhos dos médicos brasileiros.

Em 1914, ano em que Freud introduz formalmente o conceito de narcisismo, examinando o lugar por ele ocupado no desenvolvimento sexual do sujeito, implicando efetivamente numa primeira reformulação da teoria pulsional, é publicada a tese de medicina de Genserico Aragão de Souza Pinto, cujo foco da pesquisa passava pela compreensão das neuroses e perversões em sua relação com a teoria das pulsões. A psicanálise, nessa ótica, acaba recebendo uma coloração de “medicina da sexualidade”: o dinamismo psíquico, bem como alguns conceitos fundamentais à psicanálise não eram, no entanto, conhecidos por Souza into e seus pares (Theiss-Abendroth, 2013).

---

<sup>14</sup> O grupo das quartas-feiras refere-se a sessões de discussão semanais que reuniam, a partir de 1902, no apartamento da família Freud, um contingente pequeno de interessados pela psicanálise que davam seus primeiros passos na apreensão da teoria psicanalítica (Gay, 2012).

Henrique Roxo, renomado psiquiatra fluminense, faz várias menções à psicanálise e às noções de sexualidade e inconsciente em sua obra. Em seu *Manual de Psiquiatria* (Roxo, 1921), publicado em 1921, o autor situa as ideias freudianas em um lugar de destaque na evolução do saber psiquiátrico, relacionando a sexualidade à demência precoce, enfatizando a predominância da questão sexual na maioria desses casos.

Freud defende a importância de se pensar em reformas da cultura a fim de minimizar o mal-estar desse sujeito inserido no corpo social, mal-estar esse advindo dos excessos e repressões da própria cultura. Tal reforma almejaria atingir de forma mais eficiente os objetivos pretendidos pela cultura.

Relembrando que a civilização repousaria sobre a renúncia à vida pulsional (2006 [1905] ); (2010 [1930]), Freud nos lança para a questão da pulsão e dos desvios de seu objeto sexual original, destinando-se a uma atividade cultural: entramos aí no campo da sublimação.

Causa e efeito do advento da modernidade, Freud questiona o impacto da cultura sobre a sexualidade. Ele apresenta três tipos de civilização ou cultura: a primeira seria aquela que permitiria a livre manifestação sexual, a segunda, a que reprimiria somente as pulsões que não se dedicassem à reprodução e, por fim, a terceira, que só permitiria a moral sexual civilizada, orientada para a reprodução legítima, dentro do matrimônio monogâmico.

Freud vai reconhecer que os impactos causados por essa cultura que aceita restritivamente a sexualidade na orientação reprodutiva constituem a série de sofrimento vivenciado pelos sujeitos na civilização. As possibilidades para a doença, e também para a sublimação, estão colocadas. Ele ainda nos lembra que a abstinência sexual, sugerida pela moralização da cultura, acabaria por frustrar os objetivos da mesma, impondo, conseqüentemente, um árduo sacrifício. Nesse sentido, comenta que a tarefa do analista deve passar pela indagação sobre o papel da moral sexual civilizada e o dispêndio de energia a que a mesma submete o indivíduo: “Certamente não é atribuição do médico propor reformas, mas me pareceu que eu poderia defender a necessidade de tais reformas (...), indicando o importante papel que essa moral desempenha no incremento da doença nervosa moderna” (Freud, 2006 [1908]:186).

Fica evidente que, ao situar sua teoria, especificamente seus artigos que tratam da sexualidade (2006 [1908]); (2006 [1905] ), no próprio projeto da modernidade, Freud denuncia a repressão exercida pela cultura sobre a sexualidade, operando um deslocamento do moralismo com que a sexualidade era tratada para o campo de um questionamento ético. No conflito entre exigências culturais e premências pulsionais, aparece o sujeito e seu mal-estar. Nesse sentido, as neuroses assumem uma insígnia de denúncia do fracasso da cultura.

No entanto, não podemos afirmar que Freud tenha proposto uma adaptação social. Ao sugerir que com o trabalho psicanalítico tratar-se-ia de “transformar um sentimento histérico em infelicidade comum” (FREUD, 2006 [1893-1895]:371), Freud está abrindo a terapia analítica à possibilidade de se oferecer como instrumento capaz de tornar inúmeros sujeitos “aptos para a vida” em direção a uma existência mais produtiva, prazerosa, tolerável (Freud, 2006 [1905 [1904] ). Pontuando que é no campo da sexualidade que tanto a cultura quanto a educação tem causado tais danos, ele vai dizer que talvez fosse possível a “reeducação” daquele sujeito que sofre a fim de uma superação de suas resistências internas (Freud, 2006 [1910]-b).

Henrique Roxo (1919), ao discutir o papel central da sexualidade nos casos de doença mental, buscou fundamentos na teoria psicanalítica. Todavia, percebemos nos textos do psiquiatra uma retomada acentuada das preconizações da inteligência nacional no sentido de promover o higienismo, estipulando que o controle da população acometida por doenças mentais deveria ser feito por meio da educação moral e da promoção de saúde a fim de transformá-la, ou, melhor dizendo, reformá-la.

Nos exames clínicos de seus pacientes, Roxo buscava estigmas físicos e psíquicos para categorizar a degeneração. Essa psiquiatria biológica perseguida por ele deixa entrever a presença marcante de determinações raciais nas doenças mentais. Logo, Roxo percebia, por exemplo, as doenças como efeitos do desenvolvimento cerebral, que se daria diferente em raças diferentes. Seguindo seu raciocínio, o cérebro dos negros seria menos evoluído do que o dos brancos, o que faria daqueles mais propensos a certos desvios e anomalias. Evolutivamente, afirmava o médico, os negros seriam inferiores em sua constituição (Roxo, 1904).

Roxo propunha que a promoção da saúde e da educação poderia transformar o quadro degradado dos negros, loucos e degenerados de toda sorte que existiam no país, efeitos das características hereditárias e dos fatores sociais – a escravatura, por exemplo. Tal retomada da proposta higienista convocada pela inteligência nacional passa a regular, de certa maneira, o campo das trocas sexuais, estabelecendo as fronteiras, por assim dizer, entre a normalidade e a patologia. A sexualidade, nesse cenário que se orientava pelas leituras de Morel e Krafft-Ebing<sup>15</sup>, era definida por sua finalidade de reprodução biológica. Nessa perspectiva, qualquer satisfação sexual cujo objetivo divergisse da conservação da espécie seria considerada como processo perverso, anormal, indicando involução e degeneração. Esses padrões de comportamento poderiam ser herdados e transmitidos aos descendentes.

De tal maneira, controlar a população através da higiene mental – uma vez que a sexualidade não se manifestaria somente no plano sexual, mas também moral, necessariamente deveria passar pela eliminação radical do caráter excessivo e pulsional da raça brasileira a fim de alcançar patamares mais saudáveis.

Henrique Roxo admite nesse momento que, sem as políticas de Estado, dos médicos e dos educadores, ao negro restaria o destino de tornar-se a maior ameaça social para o país, fator primordial de degenerescência do povo brasileiro.

Apesar do paradoxo evidente, Roxo (1904) incluiu uma vertente psicogênica que convocava a psicanálise na construção de sua linha de pesquisa sobre a gênese dos problemas relativos à sexualidade nos distúrbios psíquicos. Nessa perspectiva, a psiquiatria alia-se à psicanálise para formular sua participação no projeto pedagógico moral e higienista. A consequência disso é o emparelhamento da teoria freudiana ao lado de regras e preceitos morais para os exames das mais variadas ordens: desde exames nupciais, do campo da educação infantil e ainda da prevenção contra a criminalidade (FACCHINETTI & VENÂNCIO, 2006:154)

---

<sup>15</sup> Psiquiatra alemão, um dos fundadores da sexologia, teorizou sobre a noção de loucura histérica, antes do advento da “esquizofrenia” de Bleuler e da distinção futura evocada por Freud e seus dissidentes – Karl Abraham, mais especificamente – entre histeria no campo da neurose e esquizofrenia no campo da psicose. Sua obra *Psychopatia sexualis* teve alcance mundial e tratava, de forma célebre, das perversões sexuais, influenciando Freud para o estudo das noções de sadismo, masoquismo, fetichismo, dentre outras (Elisabeth Roudinesco & Plon, 1997).

Em seu artigo sobre a moral sexual civilizada, Freud (2006 [1908]) indica a relação existente entre a repressão sexual e a neurose, propondo, a partir de então, que a sociedade estipulasse práticas educativas menos repressivas e que as crianças pudessem receber esclarecimentos quanto à realidade sexual (Freud, 2006 [1907]). Contudo, anos depois, Freud (2010 [1930]) revê sua posição ao afirmar que tanto a educação sexual quanto o estímulo às práticas educativas menos repressivas não seriam o bastante para evitar a neurose. Haveria algo no campo das neuroses, afirma ele, que seria guiado pelos distúrbios advindos das práticas sociais. No entanto, Freud formula a ideia de uma tendência no próprio indivíduo, ou seja; haveria um desprazer no interior próprio da sexualidade, fator primordial para o advento do mecanismo do recalque.

Inúmeros ensaios de Porto-Carrero (Porto-Carrero, 1929a; 1933a) tratam os conceitos freudianos a partir de uma leitura pedagógica e educativa. Assim, ele entende que a psicanálise deve ser levada ao campo da educação infantil, uma vez que admite o corolário das fases do desenvolvimento psicosssexual infantil sobre a educação das crianças. Diligente com as questões educativas, propunha uma educação moral, servindo-se das leituras que fazia da psicanálise para suas proposições. Partindo da medicina, Porto-Carrero coloriu sua atuação e discurso de um tom pedagógico, imprimindo traços da eugenia por meio, por mais paradoxal que possa nos parecer, de proposições psicanalíticas.

A psiquiatria local passa a se dedicar ao esforço de formação de homens de “bons hábitos” e, nesse empenho, apropria-se da psicanálise para auxiliar no controle daquilo que seria o “não-racional”, foco dos possíveis distúrbios e anomalias, consequências do “id primitivo”:

Este “eu” primitivo, bárbaro, selvagem, é o “homem-instinto”. A isto deu Freud o nome do vocábulo latino “id”. “Id” é, pois, uma fonte de energia derivada dos instintos. É este “id” que vive em constantes agressões ao “eu”, ao nosso segundo “eu”, o “eu” moral, o “eu” que a educação edificou. Mas este “eu”, ou melhor, “ego”, no curso do seu desenvolvimento, separa-se em uma parte mais profunda para viver em íntimo contato com o “id”. Esta parte toma aí o nome de “superego” (SILVA, 1933:130-131)

A temática da eugenia tratada por Porto-Carrero fica mais atenuada em sua proposição de que a educação, e isso deveria ser responsabilidade do Estado, deveria

cuidar da seleção intelectual dos indivíduos, de modo a impor-lhes um ajustamento na sociedade, uma vez que “o interesse da espécie vale mais que o interesse individual”.

Paradoxalmente, Porto-Carrero assentou grande parte da sua arguição sobre os temas higienistas nas considerações psicanalíticas. Ele situa, paralelamente às suas ideias, várias citações freudianas para justificar seu pensamento por muitas vezes autoritário, preconizando as intervenções do Estado no controle total das medidas profiláticas, inclusive mentais. É assim que os papéis do pedagogo, educador, do médico e do psicanalista figuram para Porto-Carrero: devem ser submetidos ao controle do Estado, ancorados no objetivo maior da formação do caráter nacional, combatendo os desvios morais e psíquicos, no intuito de se formar um psiquismo “sadio” e útil para constituir a malha da nação. O psiquiatra se empenhou ativamente nas questões eugênicas, tangenciando temas como a esterilização, a adoção pelo Estado da prática do aborto acompanhado, do exame pré-nupcial de modo a garantir a validade sadia da prole, dentre outros (Porto-Carrero, 1929b).

Uma vez incorporado o pressuposto da eugenia como conceito científico, e, portanto, inquestionável, o pensamento psiquiátrico brasileiro se voltava para a elaboração de programas de higiene mental:

Os psiquiatras passaram a pedir a esterilização sexual dos indivíduos doentes, a pregar o desaparecimento da miscigenação racial entre brasileiros, a exigir a proibição de imigração de indivíduos não-brancos, a solicitar a instalação de tribunais de eugenia e de salário-paternidade eugênico etc (COSTA, 1989:89).

Analisando alguns textos de Julio Porto-Carrero, podemos perceber como a psicanálise vai sendo pensada pelos adeptos da eugenia neste período: uma terapêutica que poderia corrigir os vícios, taras e desvios através da associação livre de ideias, da análise onírica, das parapraxias, bem como pela análise direta das crianças, seu gestual e movimentos corporais.

A matriz discursiva da psicanálise no Brasil ganha destaque em sua leitura do campo social. A psicanálise vai sendo deslocada de sua face singular, de clínica e terapêutica para o campo mais amplo da psicologia coletiva, o que levou a possibilidades inusitadas de leitura da identidade nacional em formação (Ponte, 1999).

Na verdade, como nos mostra Roudinesco & Plon (1997), esse grupo seletivo de médicos brasileiros se mostrou menos crítico com relação às ideias freudianas do que os

colegas de outros países que, na mesma época, recebiam as novidades de Viena. Nossos médicos, psiquiatras, educadores, higienistas começam a utilizar o discurso psicanalítico, o tema da sexualidade, em especial, tanto num viés moralizante, quanto para construção da identidade do homem brasileiro. Educar e prevenir indicavam a possibilidade de regenerar o brasileiro, considerado improdutivo, indisciplinado, doente (Russo, 1997). A temática da sexualidade, empreendida por Freud, reverbera na reflexão dos intelectuais brasileiros em sua vontade de contribuir para o debate sobre a identidade nacional<sup>16</sup>. Vale lembrar ainda a importância atribuída à problemática sexual nas campanhas higienistas e pedagógicas características do período, que apontam para um modelo moralizador de disciplina e controle das normas e práticas sociais<sup>17</sup>.

Acho que, como primeira etapa na solução do problema da educação sexual, seria útil interessar nos estudos psychanalyticos a nossa classe professoral. Foi o que procurei fazer com o curso que ha pouco tive occasião de realizar na Sociedade de Educação. Uma vez senhores das linhas geraes da psychologia freudiana, esses elementos poderiam seleccionar suas leituras, orientando-as para as obras de psychanalyse infantil e pedagógica, que hoje são innumerables. Tal aprendizado theorico seria — é claro — completado com o estudo directo da criança sob o ponto de vista psychanalytico. Só com esse trabalho preliminar de especialização é que se poderiam formar technicos que orientassem entre nós a organização da educação sexual, missão delicada na qual serão sempre poucos o saber e a prudência (MARCONDES apud OLIVEIRA, 2002:145).

O relato de Durval Marcondes deixa entrever como o discurso médico psiquiátrico tomava a sexualidade do povo e, concomitantemente, propunha as soluções para os seus problemas: ao mesmo tempo em que se debruçam sobre a psicanálise no entendimento de suas questões, é evidente que, nessa leitura, Durval e seus pares tenham incorporado

---

<sup>16</sup> É bem revelador, nesse sentido, a menção à Freud tecida por Gilberto Freyre no clássico *Casa-grande & senzala* (Freyre, 2002). Em uma nota explicativa, Freyre indica a necessidade de se referir à teoria freudiana da libido ao relacionar aspectos da gastronomia – nomes populares de pratos e quitutes brasileiros e portugueses – a termos sexuais. Freyre aponta para a “íntima relação entre a libido e os prazeres do paladar” (FREYRE, 2002:312), utilizando Freud e o conceito de libido em sua tentativa de pensar a cultura brasileira.

<sup>17</sup> É inevitável aqui a lembrança das críticas foucaultianas com relação à psicanálise, quando este autor passa a apontá-la como uma técnica fundamentalmente confessional, sem uma característica transgressiva, operando, enquanto tal, como prática de controle, exercício do poder. Parece-nos se tratar de uma crítica dirigida diretamente à prática analítica – um dispositivo de poder e saber típico das sociedades disciplinares. Em seu primeiro volume da obra *História da sexualidade*, Foucault (2005) toma a psicanálise como uma disciplina herdeira direta da psiquiatria clássica por articular, em sua prática, a confissão ao exame. Desse modo, aquele que estaria no lugar de escutar e interrogar seria o possuidor da verdade e propiciador do alívio da culpa. Os efeitos da confissão, a redução da culpa, o domínio do sexual é deslocado do registro da transgressão moral e do excesso para o regime do normal e do patológico (Foucault, 2005).

suas formulações moralizantes à disciplina freudiana, atribuindo à psicanálise um estatuto pedagógico radicalmente diferente daquele indicado por Freud. A maneira com que esses psiquiatras operavam com o campo da sexualidade acaba por circunscrever a mesma ao campo dos instintos, desacreditando, por assim dizer, a ideia de pulsão proposta por Freud, rebaixando ainda a dignidade do conceito freudiano. Ao enunciar que a sexualidade se apoiaria no eixo definido pela oposição prazer-desprazer, Freud instaura o conceito de pulsão, a um só tempo jogando por terra a ideia da reprodução e da funcionalidade da sexualidade e lançando a mesma no campo do prazer (Freud, 2006 [1905]).

No estágio em que Freud relacionava, simplesmente, doença nervosa e moralidade – e, portanto, a educação-, não haveria dificuldade em propor uma profilaxia das neuroses por meio de um processo educativo e pedagógico. Era esse o Freud lido e deglutido pelos médicos higienistas às quais nos referimos neste estudo. Nesse sentido, bastaria, para coordenar as bases para a educação moral de um povo, recomendar uma redução da severidade imposta pelos educadores aos infantes. Contudo, como citamos anteriormente, uma mudança radical será lançada com a revelação de Freud de que haveria certo desprazer inerente à sexualidade. Isso, que apareceria como o móvel da ação recalcadora do eu acaba levantando um paradoxo importante: como aquilo que aparecia como prazeroso, a própria sexualidade, poderia assumir feições de desprazer? Será esse primeiro conflito psíquico entre ideia incompatível e o próprio eu que delimitará a natureza errática e cambiável das pulsões em seu caminho à satisfação. E é somente por isso que a pulsão sexual se mostrará capaz de enveredar por caminhos socialmente úteis, possibilitando a prática educativa, a sublimação. É por seu caráter maleável advindo da ausência de um objeto e ainda por seu feitio decomponível que a pulsão sexual será passível de se dirigir a outros fins que não propriamente os sexuais.

Tomadas essas considerações, Freud então nos adverte com relação ao processo pedagógico: uma vez que a pulsão é a fonte da sublimação – e com isso da educação, da construção cultural, atacá-la, através de práticas pedagógicas, seria algo radicalmente perigoso.

A tomada que a psiquiatria local realiza da psicanálise no sentido de se apropriar da sublimação como educação dos impulsos prejudiciais a civilização denuncia certo

estreitamento e reducionismo do conceito freudiano. O que se propunha, na direção do empreendimento evolutivo nacional, era a prerrogativa de que não se poderia abdicar do progresso civilizatório e, para isso, seria preciso condicionar os impulsos dos homens, substituindo por moções mais favoráveis ao avanço do país: “sublimar ou condicionar derivativos úteis ou inócuos, isto é, educar, aperfeiçoando os instintos” (AYROSA, 1934:24).

A psicanálise, a nosso ver, caminha numa direção oposta a tais preconizações dos higienistas leitores de Freud no início do século XX. Freud se difere dessa pedagogia quando evita esse “desenraizamento do mal” proposto pelos médicos para “curar as mazelas morais” do povo brasileiro. Para ele, seria antes recomendado canalizar, utilizar essa fonte sublimatória em direção aos valores mais superiores. Não seria, portanto, possível construir cultura sem passar pela sublimação, o que descarta a presunção de eliminar os impulsos do sujeito proposta pelo movimento pedagógico-higienista.

Fica patente a incorporação das contribuições de Freud ao discurso eugênico. A reelaboração a que é submetida a teoria psicanalítica nos permite, além disso, divisar a tentativa desses psiquiatras de sanear povo e sociedade doentes, expurgando, no entanto, qualquer derivação freudiana que não coadunasse com sua coletânea de preceitos e receitas higienistas e moralistas.

A classe médica passa a indicar a psicanálise como disciplina fundamental para se construir uma pedagogia moral do povo. Paralelamente à sua ocupação no hospital psiquiátrico e no seio da LBHM, Porto-Carrero se esforça para situar a relevância da doutrina freudiana ao lado das práticas pedagógicas, combatendo a educação tradicional, católica e repressiva e a educação excessivamente liberal e permissiva, apostando desse modo numa via intermediária.

Num primeiro momento, corremos o risco de tomar algumas formulações propostas pela fileira de médicos que indicamos neste trabalho como desatinos, produções deslocadas, sugerindo uma leitura distorcida das teses freudianas, uma vez que somos orientados pela ideia central de que nenhuma pedagogia é incitada pela psicanálise. Fato é que há certos pontos confusos e talvez obscuros concernentes à questão de Freud ter recomendado ou não essa via mais pedagógica, que passa por certa consideração de uma recomendação moralizante no trabalho com os sujeitos. Tomamos

o cuidado, contudo, de não distorcemos a leitura e recepção das ideias de Freud pelos higienistas, evitando acatar suas produções como disparates. Por mais que Freud nos tenha recomendado que a ambição pedagógica seria tão inadequada quanto a terapêutica (Freud, 2010 [1912]), é fundamental que retornemos ao seu texto, apontando inclusive suas contradições no que se refere ao modo de tratar a questão pedagógica e educativa. O cuidado tido por Freud ao nos alertar quanto a isso não foi em vão: sob certo aspecto premonitório, ele parecia profetizar os desvios que suas teses poderiam sofrer a partir da circulação entre diferentes espaços. No Brasil, os atores a que atribuímos as primeiras sondagens sobre a psicanálise evidenciam para nós como a disciplina vai sendo inscrita no discurso da modernidade.

### **Considerações finais**

No mesmo Brasil acometido pelos entraves da urbanização, desenvolvimento desordenado, das ações higienistas e eugênicas, surgiam também as figuras inquietantes e provocadoras do movimento mais conhecido como Modernismo Brasileiro, responsáveis pelo nascimento de outra forma de inserção singular da psicanálise no país. Assim, vemos que para além da tomada mais moralizante e eugênica proposta pelos médicos pioneiros na difusão da teoria freudiana pelo país, verificamos também o entusiasmo com relação à psicanálise em alguns nomes do nosso modernismo nas primeiras décadas do século XX.

Dentre ainda aquele grupo de médicos interessados no pensamento freudiano, havia aqueles interessados na aplicação da psicanálise no campo da análise literária. Numerosos estudos se davam nesse ramo de conhecimento. Cristiana Facchinetti (2001) destaca os textos dos médicos Luís Ribeiro do Vale (*Certos Escritores Brasileiros Psico-Patologistas* – 1934), Américo Valério (*Machado de Assis e a Psicanálise* – 1930), Durval Marcondes (*O símbolo estético na literatura* – 1952) e os de Osório César (*Contribuição ao estudo do simbolismo místico dos alienados* – 1927). Apesar da utilização da psicanálise numa perspectiva organicista, alguns psiquiatras já apontavam para o uso da psicanálise para novos fins, rompendo, de certa forma, com uma exclusividade higienista no trato da disciplina freudiana. No entanto, essa via de apropriação dos ensinamentos freudianos não é o escopo do presente artigo.

No que tange à aliança da medicina com a psicanálise, interessa-nos, para finalizar, lembrar que no período em questão o discurso médico nacional lançava sua tônica em uma concepção higienista, que operava com ideias de desvios físicos e psíquicos e que ponderava suas articulações em torno das noções de prevenção e educação profilática. Essa geração da medicina no país se incumbiu de estabelecer uma série de medidas profiláticas, dispostas a “corrigir os defeitos do povo”, caucionando uma “procriação mais saudável” que garantisse uma “formação mais nobre” para o futuro do nosso povo. Assim, o controle proposto pelo ideário da higiene mental objetivava expungir a feição excessiva, degenerada e desregrada da formação racial nacional, buscando um novo lugar, mais moderno e sadio. Os médicos psiquiatras passam a ser convocados e então se debruçam na gestão dessa perspectiva para a nação. Um dos objetivos centrais da política higienista no Brasil passou pela preocupação do negro se tornar o fator primordial de degenerescência do povo brasileiro. Restavam então as políticas do Estado, bem como a participação efetiva tanto dos médicos quanto dos educadores nesse processo (Facchinetti, 2001).

A medicina brasileira, ao longo das três primeiras décadas do século XX, trazia a questão da prevenção das doenças mentais ligada às noções de higiene psíquica e racial. Jurandir Freire Costa comenta que, nesse período, a psiquiatria, baseada na higiene mental, supunha uma natureza humana, algo como uma essência do sujeito. Desse modo, poder-se-ia propor uma decifração das leis da hereditariedade, trabalhando ainda com a noção de degeneração.

Uma vez codificada a essência do homem, tornava-se fácil, teoricamente, prevenir a reprodução ou propagação de seus caracteres psicossociais indesejáveis. Castração, controle da imigração, casamentos eugênicos, exames pré-nupciais eugênicos etc. foram a decorrência dos postulados sobre a natureza biológica do sujeito e sobre a existência de raças inferiores (COSTA, 1989:14).

O que pode nos causar certo estranhamento é que muitos desses médicos aderiram às teses freudianas, entrevendo nas mesmas a possibilidade de investir na esfera privada da vida das famílias, traduzindo a psicanálise em um programa profilático de educação destinado às crianças, seus pais, responsáveis e educadores. Essa será uma das

vias da implantação da psicanálise no Brasil: uma leitura sociológica, pedagógica e moralizante da psicanálise.

## **Bibliografia**

AYROSA, C. *O alcoolismo – suas raízes psicológicas segundo a psicanálise*. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental. ano VII: 17-26 p. 1934.

COSTA, J. F. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Xenon Ed., 1989.

FACCHINETTI, C. *Deglutindo Freud, histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. 2001. (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FACCHINETTI, C.; VENÂNCIO. Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, v. IX, n. 1, p. 151-161, 2006.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 16. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.II, 2006 [1893-1895].

\_\_\_\_\_. Sobre a psicoterapia. In: FREUD, S. (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.VII, 2006 [1905 [1904]

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.VII, 2006 [1905]

\_\_\_\_\_. O esclarecimento sexual das crianças. In: FREUD, S. (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.IX, 2006 [1907].

\_\_\_\_\_. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In: FREUD, S. (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.IX, 2006 [1908].

\_\_\_\_\_. Cinco lições de psicanálise. In: FREUD, S. (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.XI, 2006 [1910]-a.

- \_\_\_\_\_. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: FREUD, S. (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.XI, 2006 [1910]-b.
- \_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.XXIII, 2006 [1937].
- \_\_\_\_\_. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: FREUD, S. (Ed.). *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, v.10, 2010 [1912].
- \_\_\_\_\_. Caminhos da terapia psicanalítica. In: FREUD, S. (Ed.). *Obras completas*. São Paulo: Companhia das letras, v.14, 2010 [1919].
- \_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. (Ed.). *Obras completas*. São Paulo: Companhia das letras, v.18, 2010 [1930].
- \_\_\_\_\_. As resistências à psicanálise. In: FREUD, S. (Ed.). *Obras completas*. São Paulo: Companhia das letras, v.16, 2011 [1925].
- \_\_\_\_\_. Contribuição à história do movimento psicanalítico. In: FREUD, S. (Ed.). *Obras completas*. São Paulo: Companhia das letras, v.2, 2012 [1914].
- FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. 46. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. 2 São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1979.
- LOBO, R. As mudanças históricas e a chegada da psicanálise ao Brasil. In: (Ed.). *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p.49-56.
- MARCONDES, D. *Entrevista de Durval Marcondes, 16h30hs*. Folha da Noite. São Paulo: 8 p. 1936.
- MOKREJS, E. Psicanálise e educação - Júlio Pires Porto Carrero e a pedagogia na eugênica na década de trinta no Brasil. *Revista da Faculdade de Educação de São Paulo*, v. 15, n. 1, p. 5-14, 1989.
- MOREIRA, R. D. L. *Revolução Constitucionalista de 1932*. Disponível em: <  
<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Revolucao1932>. >. Acesso em: 20 de agosto de 2013.

OLIVEIRA, C. L. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação *Ágora*, v. V, n. 1, p. 133-154, 2002.

PATTO, M. H. S. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados*, v. 13, p. 167-198, 1999. ISSN 0103-4014. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141999000100017&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000100017&nrm=iso) >.

PEREIRA, M. E. C. Morel e a questão da degenerescência. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, v. 11, n. 3, p. 490-496, 2008.

PIMENTEL, I. Sobre a Psycho-Analyse. In: AL., C. D. D. A. E. (Ed.). *A Revista*. Belo Horizonte: Diário de Minas, v. Ano 1, 1926.

PONTE, C. F. D. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. 1999. Dissertação (Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro.

PORTO-CARRERO, J. P. O carácter do escolar, segundo a psychanalyse. *Tese apresentada na I Conferência Nacional de Educação em Curitiba*, p. 41-59, 1927b.

\_\_\_\_\_. Psychanalyse: a história e o seu conceito. In: PORTO-CARRERO, J. (Ed.). *Ensaio de Psychanalyse*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1928/1929. p.11-25.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de psicanálise*. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1929a.

\_\_\_\_\_. *Grandezas e misérias do sexo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Edit., 1929b.

\_\_\_\_\_. O que esperamos dos nossos filhos. *Schola, Revista da A.B.E*, v. 3, n. 1, p. 71-77, 1930.

\_\_\_\_\_. *Psicanálise de uma civilização*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara; Waissman; Koogan, 1933a.

\_\_\_\_\_. *Sexo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, Waissman, Koogan, 1933b.

PORTO, M. Y. Uma revolta popular contra a vacinação. *Ciência e Cultura*, v. 55, p. 53-54, 2003. ISSN 0009-6725. Disponível em: <

[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252003000100032&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000100032&nrm=iso) >.

RIBEIRO, D. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

ROCHA, F. D. *O pansexualismo na doutrina de Freud*. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild Cia, 1920.

- \_\_\_\_\_. *A doutrina de Freud*. 2. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1930.
- ROCHA, G. S. *Psicanálise e Psiquiatria - uma introdução epistemológica ao surgimento da psicanálise no Brasil*. 1983. (Dissertação de Mestrado). PUC-RJ
- ROUDINESCO, E. *A história da psicanálise na França: a batalha dos cem anos (volume I: 1885/1939)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1997.
- ROXO, H. *Perturbações mentais nos negros no Brasil*. Brasil Médico. Rio de Janeiro. 18: p.182 p. 1904.
- \_\_\_\_\_. *Sexualidade e demência precoce*. Archivos Brasileiro de Neuriatria e Psychiatria. Rio de Janeiro: 337-349 p. 1919.
- \_\_\_\_\_. *Manual de psiquiatria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.
- RUSSO, J. *Dize-me com quem andas... (A doutrina pansexualista de Freud e a psiquiatria brasileira no início do século)*. XXI Encontro Anual da Anpocs. Caxambu 1997. Disponível em: <  
[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=5302&Itemid=360](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5302&Itemid=360) >.
- \_\_\_\_\_. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- SAGAWA, R. Y. *Psicanálise e psicologia no Brasil e em São Paulo: registros históricos*. In: MASSIMI, M. e GUEDES, M. D. C. (Ed.). *História da Psicologia no Brasil: novos estudos*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- SALIM, S. A. *A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais*. *Mental*, v. 8, p. x-xx, 2010. ISSN 1679-4427. Disponível em: <  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272010000100009&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272010000100009&nrm=iso) >.
- SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- SILVA, G. P. D. *Crime e psico-analise*. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1933.
- THEISS-ABENDROTH, P. *Sigmund Freud nos trópicos. A primeira dissertação psicanalítica no mundo lusófono (1914)*. *Revista de Psiquiatria Clínica*. São Paulo. 40: 81-82 p. 2013.